

O MEMORIAL COMO INSTRUMENTO DA METODOLOGIA DA INTERPRETAÇÃO EM PESQUISAS SOBRE VIDA E TRABALHO DOS PROFESSORES E PROFESSORAS

José Ernandi Mendes¹

Universidade Estadual do Ceará

Sandra Maria Gadelha de Carvalho²

Universidade Estadual do Ceará

Introdução

Conhecer algo tão específico quanto a docência na rede pública municipal pressupõe o uso de enfoques teóricos diversos capazes de captar aspectos e dimensões que compõem o todo contraditório do trabalho do professor. Numa perspectiva dialética é possível e necessário lançar mão de múltiplos olhares.

O caminho da pesquisa não é um mero elo entre o sujeito e o tema a ser pesquisado; antes, é uma relação profunda de onde emergem procedimentos capazes de promover a identidade de um com o outro, tornando-os cúmplices de um mesmo processo. A metodologia é, portanto, uma síntese desta relação e está associada ao olhar do sujeito na sua forma e intensidade (MENDES, 2005).

A opção de procurar entender o professorado em suas dimensões objetiva e subjetiva, se dá de forma consciente sobre o minado campo do contexto onde está inserido. Consciente também são os riscos que se corre frente às interpretações dos leitores, pois as linguagens, como formas simbólicas, são inevitavelmente perigosas.

A Metodologia da Interpretação e Apreensão de uma Subjetividade Construída Historicamente

A polêmica sobre a objetividade e a subjetividade nas ciências sociais já havia sido levantada na rica tradição filosófica alemã do século XIX. As diferentes perspectivas metodológicas: materialismo histórico-dialético, positivismo e fenomenologia são exemplos de quanto a relação sujeito-objeto de pesquisa faz parte da essência das ciências que se debruçam sobre o complexo social.

No século XX os pós-estruturalistas franceses ampliam a crítica à objetividade científica de todas as correntes teóricas que compartilham da importância do “sujeito racional, livre, autônomo, centrado e soberano da Modernidade” (SILVA, 1999, p.113), apresentando uma oposição às “meganarrativas” invariavelmente associadas à idéia de libertação e emancipação social.

Um crescente número de teóricos (sociólogos, antropólogos e historiadores) próximos das perspectivas pós-modernas e pós-estruturalistas, em oposição a abordagens sociohistoriográficas consideradas tradicionais, deterministas e cientificistas, aponta para uma renovação da história social, a partir de um enfoque metodológico centrado na coleta de testemunhos, memórias e narrativas dos sujeitos sociais.

A linguagem torna-se, assim, elemento central das pesquisas sociais, tomando o lugar dos grandes problemas dominantes na sociedade moderna. Entretanto, a produção científica neste campo das ciências pressupõe uma crítica às palavras, às relações sociais e ao contexto. Quando a realidade da qual se fala situa-se no Terceiro Mundo, torna-se ainda mais questionável a importação de referências conceituais que atropelam categorias que expressam claramente a realidade de abismo social (injustiças e desigualdades sociais) onde a sociedade está fundada. A construção teórica baseada na articulação do macro e do micro, do geral e do específico, da sociedade e do indivíduo, do econômico e do cultural se faz mais legítima e necessária.

O conhecimento nas ciências sociais e da educação exige a superação de reducionismos, mediante a construção de uma síntese que não poderá perder de vista “a articulação entre micro e macrofísica do poder, uma síntese que reconhecerá que a subjetividade humana é ao mesmo tempo constituída por e constituinte de realidades sociais”. (COSTA, 1998, p.20). Portanto, os depoimentos pessoais não podem ter a pretensão de suprimir relações sociais e econômicas construídas historicamente, pois subjetividade e objetividade constituem-se em uma relação dialética.

Os professores e professoras, como sujeitos do mundo social se revelam por seu pensamento e linguagem. Daí, que uma investigação centrada em suas vidas e o trabalho por eles realizado deve combinar formas objetivas de sua inserção nas políticas educacionais com mecanismos de captação da subjetividade produzida em suas relações sociais.

Um instrumento de compreensão e interpretação dos fenômenos sociohistóricos é a “Metodologia da Interpretação” de J. B. Thompson. Nela, este autor apresenta a Hermenêutica da Profundidade (HP) à análise das formas simbólicas produzidas pelos sujeitos sociais.

A interpretação das formas simbólicas tem suas especificidades, pois elas próprias podem representar interpretações já realizadas pelos sujeitos sociais estudados. Estes sujeitos que se constituem no campo-sujeito-objeto, tais quais os analistas sociais, são “capazes de compreen-

der, de refletir e de agir fundamentados nessa compreensão e reflexão” (THOMPSON, p.359).

A HP parte das formas simbólicas produzidas e ou recebidas pelas pessoas no contexto da vida cotidiana, constituindo-se em experiência etnográfica onde se capta o enfoque elaborado pelos sujeitos sociais sobre suas vivências projetadas no futuro. Num primeiro momento, revela compreensões dos sujeitos sociais que servem também para esconder e mascarar o presente vivido.

Somente num segundo momento, o enfoque se dá sobre a organização interna das formas simbólicas, tentando arrancar-lhes significados do algo mais além do contexto, fazendo emergir do discurso suas “características estruturais, seus padrões e relações”.

A HP exerce uma função que lhe é intrínseca – a Interpretação ou Reinterpretação – imprescindível à análise de dados, pois tem a função de descobrir o algo situado por trás e ou por dentro das formas simbólicas. Apesar dos riscos inerentes aos processos de interpretação, a metodologia da HP é um referencial amplo, capaz de captar a riqueza das falas dos professores sobre suas vidas e seu trabalho sem perder de vista o contexto no qual são produzidas.

A dialeticidade na “Metodologia da Interpretação” se expressa na realidade específica vivenciada e falada pelos docentes, concebida no contexto onde linguagem e discursos são produzidos. No estudo sobre professores a percepção construída por eles sobre sua vida, seu trabalho e as “inovações pedagógicas” que os reconfiguram, é situada na totalidade das políticas educacionais recentes, afirmadas teórica e ideologicamente na prática educativa escolar, utilizando-se memoriais como fonte de revelação destas impressões.

Os Memoriais³ Como Instrumentos de Pesquisa da Vida e do Trabalho Docente

Memoriais⁴ elaborados por docentes do ensino fundamental da rede pública municipal de ensino que concluíram o nível superior no Curso de Formação de Professores do Ensino Fundamental do Município de Aracati revelam um fio que liga fases importantes de suas vidas, na condição de pessoas e profissionais da área de educação. Neles, os(as) professores(as) dizem sobre a infância, a escola que tiveram quando crianças, a vida profissional docente e o recente Curso de Formação de nível superior ofertado pela Universidade Estadual do Ceará, enfatizado como importante acontecimento em seu processo educativo. Aliás, é a especificidade do Curso de Formação que credencia os

memoriais como instrumento metodológico e legítimo porta-voz do pensamento e sentimento dos professores sobre sua trajetória pessoal e profissional.

O memorial apresentado pelos professores no final do Curso é um instrumento de pesquisa analisado no seu todo, história de vida, escola e trabalho. No memorial é possível confrontar as idéias de criança, aluno, escola, trabalho e cidadania, construídas ao longo de suas vidas, e suas muitas implicações na atividade profissional abraçada, tanto em relação ao compromisso com a docência, quanto aos problemas que julgam dificultar seu empenho e motivação. No memorial os sujeitos se ampliam, mostram-se não somente como trabalhadores, mas também nas contradições de relações sociais diversas. Permitem, portanto, checar os vínculos que ligam seu trabalho ao contexto social, à vida cotidiana e à escola onde ensinam.

As histórias dos professores de Aracati presentes nos memoriais revelam a multidimensionalidade inerente à constituição do professorado num tempo de ser criança, aluno(a), pai ou mãe, cidadã(ão), educador(a), contribuindo para a reconstrução de suas identidades pessoal e coletiva. Os referidos memoriais, como afirma André (1995), possibilitam uma análise centrada nas “contradições de trabalho e de desenvolvimento dos professores”, contribuindo para uma compreensão do professorado sobre as mudanças educacionais que dão base ao seu trabalho e historicamente o metamorfoseiam.

O memorial não apenas revela o rico aprendizado construído por professores e professoras ao longo de suas experiências de vida, como também deixa muitas lições. Uma delas é a convicção de que a partir da elaboração desse instrumento, onde suas experiências são narradas e refletidas, a prática, por ser mais reflexiva, torna-se automaticamente melhor, ou seja, a reflexão condiciona uma ação sensata (HAMELINE, 1995), bastando-se na sua auto-suficiência.

Na produção deste memorial tive condições de elevar o meu modo de pensar a sociedade e a minha responsabilidade sociopolítica no setor educativo. Deste modo, as minhas próximas ações, com certeza, serão baseadas em tudo que estudei, analisei e meditei (M. D. B., 40, professora, p.23).

Entretanto, uma prática baseada na reflexão não significa necessariamente estar purificada de incoerências, limites e contradições. A nova prática está condicionada pelo alcance da reflexão de quem elabora. Portanto, depende da

visão de mundo que cada pessoa (ou grupo) consegue formular. Desse modo, a superação de uma visão ingênua dos problemas sociais e da prática pedagógica em particular depende da incorporação de uma visão de mundo na qual a totalidade social componha a compreensão dos sujeitos sociais diretamente envolvidos com o trabalho no campo da educação (CONTRERAS, 2002).

Outro risco na elaboração de um memorial é o de se cair na armadilha da ausência de criticidade, pois a memória individual é comumente carregada de emoções, desejos, sonhos e fantasias possíveis de levar o sujeito a uma atitude romântica sobre sua vida. Com base nesta atitude ele vê apenas aspectos positivos da sua formação, superestimando fatos e pessoas que participaram de suas experiências. Tal postura, inconscientemente, manifesta uma forma de negar a desvalorização objetiva (social e econômica) sofrida pela atividade docente nas últimas décadas, e contribui para maior alienação.

É preciso haver clara distinção entre a memória e a história, pois isto evita se tomar um depoimento – que é um ponto de vista de um indivíduo sobre o real – como sendo a própria realidade vivenciada por ele. Assim, apesar de profundamente significativos os memoriais elaborados pelos professores, onde com sinceridade admirável mencionam fatos de suas vidas, seguidos de análise, deve-se estar atento aos limites da sua verdade, com vistas a “checar as informações” e percepções fornecidas pelos autores da memória.

A memória é composta de fragmentos de múltiplas vivências e experiências ao nível individual ou coletivo que são retrabalhadas neste diálogo constante entre indivíduo e sociedade, entre passado e presente. As memórias são individuação ou subjetivação e não individualidades ou subjetividades (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1994, p.41).

A memória tem limites, pois as lembranças e recordações de imagens, fatos e vivências subordinam-se ao tempo e ao espaço, e sofrem influências constantes das alterações do meio social. Embora a memória individual constitua-se num importante veículo de informações, somente alcança **status** de validade científica quando confrontada teórica e metodologicamente nos estudos da sociedade onde o indivíduo está inserido. As memórias são “construções sociais, elas dependem do relacionamento social e das solicitações familiares, da classe social, da escola, da igreja, da profissão... que nos fazem lembrar de coisas acontecidas, de uma maneira coletiva e particular” (KENSKI, 1995, p.147).

A construção da história dos professores parte dos seus memoriais, mas vai além, ao romper a fronteira do individual e do local, violando a temporalidade das memórias pessoais. Feitas as ressalvas, é importante saber ouvir o que sujeitos, cujas palavras são historicamente silenciadas e negadas, têm a dizer sobre um mundo que é seu.

Saber o que os protagonistas do processo educativo escolar têm a dizer sobre si e seu trabalho responde às sugestões de Nóvoa (1995, p.32) para as ciências da educação: “Um olhar mais centrado sobre os professores, sobre as suas vidas e os seus projetos, sobre as suas crenças e atitudes, sobre os seus valores e ideais”. Desta forma, os recursos dos memoriais elaborados pelos professores, das entrevistas e das análises documentais constituem-se em valiosos instrumentos na composição das trajetórias social e educacional, pessoal e profissional percorridas numa realidade brasileira de dificuldades e num contexto histórico especificamente rico de inovações educacionais.

A valorização do memorial se dá na compreensão de que, também, memória e história estão profundamente imbricadas, indissolúvelmente condicionadas na existência. A memória, materializada em recordação do vivido, pode constituir-se em ponte de unidade do passado, presente e futuro. Como afirma Cambi (1999, p.35):

A memória não é absolutamente o exercício de uma fuga do presente nem uma justificação genealógica daquilo que é, e tampouco o inventário mais ou menos sistemático dos monumentos de um passado encerrado e definitivo que se pretende reativar por intermédio da nostalgia: não, é a imersão na fluidez do tempo e o traçado de seus múltiplos – e também interrompidos – itinerários, a recomposição de um desenho que, retrospectivamente, atua sobre o hoje o projetando para o futuro, através da indicação de um sentido, de uma ordem ou desordem, de uma execução possível ou não.

A experiência ganha qualidade e a lembrança dela potencializa-se quando ativada por uma narrativa. Conforme lembra Larrosa (1998, p.80): “O vivido só se torna recordação na lei da narração que é, por sua vez, a lei de sua leitura. E aí se torna outra vez vivo, aberto, produtivo. A memória que lê e que conta é a memória em que o **era uma vez** converte-se em **começa!**.”

E quando o sujeito tem a oportunidade de escrever suas memórias no papel, elas passam pelo aprimoramento

do dito e refinamento do vivido, provocando maior significação, pois uma escrita silenciosa, como é o caso do memorial, “produz uma atenção concentrada e algo assim como um estar voltado para si mesmo. Mas tem também outra qualidade não menos importante: fazer com que o mundo apareça aberto” (IDEM, p.59).

A narrativa escrita é mais rigorosa, e obriga o narrador a esclarecer o pensamento, a mostrar a raiz da sua compreensão, enfim, a se revelar para o mundo com o compromisso imposto pelo registro escrito. Sobre a importância do memorial, principal instrumento da minha pesquisa, a argumentação mais consistente, os próprios sujeitos pesquisados a fazem, ao relatar a responsabilidade como se dispuseram a elaborá-lo, e, por conseguinte, a fidedignidade de informações e percepções nele contida.

A produção do Memorial me ‘forçou’ a pesquisar, checar informações contraditórias, compreender certos conceitos. Isso elevou o meu modo de pensar a sociedade, as condições socioeconômicas e políticas do meu país e a educação, especificamente, pois além de visitar o passado, eu pude refletir sobre ele e só assim compreender sua relação com o presente. As minhas próximas ações certamente serão fundamentadas em tudo que refleti e analisei (M. E. C., 38, professora, p.31).

O memorial torna-se, portanto, um rico instrumento de pesquisa sobre a vida e o trabalho dos professores, e, quem o faz torna-se também pesquisador de sua prática social e profissional, buscando a si mesmo numa trajetória aparentemente visível, mas somente compreendida com muito esforço e reflexão. Ele possibilita um processo terapêutico onde o professor se encontra na compreensão da sua existência, das suas experiências e do contexto social no qual está inserido. Ao “chegar informações”, o professor, como sujeito e objeto de pesquisa, torna a sua memória, em forma de memorial, um instrumento muito próximo do fazer história, como ciência, dado o cuidado metodológico da reconstituição dos fatos por ele vivenciados.

Segundo mostra o memorial, a catarse pela qual passam a ter de revisitar momentos delicados de uma vida difícil, às vezes enfrentados com bravura, pode significar um salto de qualidade na sua prática social:

Depois de várias páginas escritas tornou-se gratificante, pois chorei, sorri e agradei a Deus por ter

conseguido construir uma história verdadeira que servirá de norte para minhas futuras conquistas. [...] Estes relatos fizeram-me repensar sobre minha trajetória e avaliar-me como educadora e cidadã, levando-me a participar de novos projetos, buscando novas transformações para um país mais justo (E. M. F. N., 34, professora, p.22).

A união de sentimentos e conhecimentos nos possibilita inferir sobre a veracidade das experiências mesmo parciais, propicia-nos a sensação de quanto os interlocutores são verdadeiros ao narrar suas histórias. Na simplicidade de suas vidas, as histórias tornam-se significativas, conforme mostra a professora Fátima:

Compreendi que, através deste levantamento de informações, obtive conhecimentos imprescindíveis na construção da minha identidade, valorizando meus relatos e transcrevendo fatos que marcaram a minha vida (M. F. S. S., 45, professora, p.20).

O resgate do contexto mediante levantamento de informações gerais e específicas permite ao professor reconstruir seu processo identitário. Entender-se dentro de uma perspectiva histórica e reconhecer a si próprio como parte de outra parte, como diz o poeta, “é uma questão de vida e morte”:

É interessante e significativo compreender o tempo atual na sua relação com os outros tempos, inserir e entender a história de que faço parte como elemento de desenvolvimento de mim mesma, de minha família, de minha profissão, de meu município, de meu Estado e de minha nação (M. C. D., 40, professora, p.13).

Ao mesmo tempo em que representa um elo entre o passado, o presente e o futuro, o memorial constitui-se num exercício de reflexão sobre práticas, sujeitos e contextos implícitos na formação do professor e da professora, afirmando-se também como um instrumento de construção de identidades individuais e coletivas. Ele remete ao entendimento de que cada pessoa é o resultado do conjunto de experiências vivenciadas; sujeito em potencial de transformações sociais que julga necessárias à sociedade, à escola e ao trabalho docente. O memorial ao passar a história do professor a limpo quase o obriga a ter uma perspectiva de futuro superadora de concepções e práticas problemáticas

Esta reflexão sobre minha vida fez-me observar a caminhada percorrida e a função de desempenhar bem o meu papel perante a comunidade..., descobri que o conhecimento deve ser buscado a todo o momento, e que dele provém as mudanças no fazer profissional (I. V. S., 48, professora do ensino fundamental, p.23).

Conclui-se que o memorial impulsiona uma maior consciência profissional e provoca a necessidade de promover mudanças na prática educativa mediante aquisição de novos conhecimentos. Ele traz a possibilidade de ativar a identidade e o compromisso docentes com os setores historicamente desfavorecidos, apontando a necessidade de uma prática direcionada para a transformação da sociedade.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”. *Revista de Pesquisa Histórica (Clio)*, nº 15, Recife/PE, 1994.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Série Prática Pedagógica).
- CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999. (Encyclopaedia).
- CONTRERAS, José. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
- COSTA, Viotti da. Novos públicos, novas políticas, novas histórias: do reducionismo econômico ao reducionismo cultural: em busca da dialética. *Revista ANPOCS “Anos 90”*. Porto Alegre/RS: nº 10, dez/1998.
- HAMELINE, Daniel. O educador e a ação imposta. In: NÓVOA, Antônio (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1995 (Coleção Ciências da Educação).
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre/RS: Contrabando, 1998.
- KENSKI, Vani Moreira. Sobre o conceito de memória. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas/SP: Papirus, 1995. (Coleção Práxis).
- MENDES, José Ernandi. *Professor municipal: entre as políticas educacionais e as trajetórias pessoais*. Fortaleza/CE: UFC/Tese de Doutorado em Educação Brasileira. 2005.
- NÓVOA, Antônio. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, Antônio (Org.) *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

NOTAS

¹ Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutor em Educação Brasileira pela UFC.

² Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutora em Educação Brasileira pela UEC.

³ Os memoriais como recursos de pesquisa qualitativa podem ser articulados a uma “tradição” etnográfica que valoriza os depoimentos orais, como reveladores de problematizações sociais; distinguem-se, contudo, pelo registro escrito.

⁴ Trinta memoriais são analisados na Tese de Doutorado: “Professor Municipal: entre as políticas educacionais e as trajetórias pessoais”, defendida por Mendes (2005). Neste trabalho, o memorial constitui-se um documento elaborado pelos professores da rede pública como condição final para a conclusão do Curso de Formação de Professores do Ensino Fundamental do município de Aracati – Licenciatura Plena, realizado pela Universidade Estadual do Ceará no período de 1999 a 2003. Nele os alunos professores descrevem, em aproximadamente trinta páginas, suas memórias e reflexões sobre quatro elementos fundamentais: A infância que tiveram; a vida escolar, da alfabetização à conclusão do ensino médio; a vida profissional do ingresso até o presente momento; e a experiência acadêmica vivenciada no referido curso.